

INTRODUÇÃO

-aos CONCEITOS BÁSICOS DA SOCIOLINGUÍSTICA

Marcos Luiz Wiedemer (UFSC/UNESP)
professormlw@yahoo.com.br

INTRODUÇÃO

A Sociolinguística Variacionista, conhecida também como Teoria da Variação e Mudança, surge a partir dos estudos de Labov³⁰ e dos postulados de Weinreich, Labov e Herzog (1968), doravante WLH, com o objetivo de descrever a variação e a mudança linguística, levando em conta o contexto social de produção, observando o uso da língua dentro da comunidade de fala³¹ e utilizando um modo de análise quantitati-

³⁰ "The social motivation of a sound change" (1963) e "The social stratification of (r) in New York city department stores" (1966), publicados posteriormente pelo mesmo autor em *Sociolinguistic Patterns* (1972).

³¹ Para Labov, "membros de uma comunidade de fala compartilham um conjunto comum de padrões normativos mesmo quando encontramos variação altamente estratificada na fala real" (1972, p. 192). Essas normas correspondem a avaliações sociais acerca das variantes, que são vistas, basicamente, como formas estigmatizadas ou de prestígio. Para Labov (1968) "A comunidade de fala não se define por nenhum acordo marcado quanto ao uso dos elementos da língua, mas, sobretudo pela participação em um conjunto de normas estabelecidas. Tais normas podem ser observadas em tipos claros de comportamento avaliativo e na uniformidade de mode-

va dos dados obtidos, baseada na fala espontânea (na medida em que isso é possível) dos indivíduos, ou seja, do *vernáculo*, estilo em que o mínimo de atenção é dado ao monitoramento da fala³². (Labov, 1972, p. 208).

Esse modelo teórico-metodológico rompe com correntes anteriores (estruturalismo e gerativismo) que analisavam a língua como uma estrutura homogênea, resultante da aplicação de regras categóricas, passível de ser estudada fora de seu contexto social. A Sociolinguística permitiu uma nova abordagem, mostrando a variação sistemática motivada por pressões sociais e também linguísticas, e postulando que é na heterogeneidade da língua que se deve buscar a estrutura e o funcionamento do sistema. Esse novo modo de “olhar” a língua permitiu analisar e descrever o uso de variáveis linguísticas pelos indivíduos em uma determinada comunidade de fala, como também mostrou que a presença da heterogeneidade governada por regras variáveis é o que permite ao sistema linguístico se manter em funcionamento mesmo nos períodos de mudança linguística. Dessa forma, para WLH (1968, p. 100, tradução nossa) “é necessário aprender a ver a linguagem do ponto de vista diacrônico e/ou sincrônico, como um objeto possuidor de heterogeneidade sistemática”. A variação é inerente ao sistema linguístico, sendo passível de descrição e explicação mediante a correlação dos dados empíricos com o contexto social e linguístico. Em suma: a Sociolinguística tem como preocupação estudar a língua na sua produção real, no âmbito de uma comunidade, buscando entender a regularidade dentro da variação da fala.

los abstratos de variação, que são invariantes com relação aos níveis particulares de uso” (grifo nosso).

³² Labov (1999) apresenta outra definição de vernáculo: primeira forma de linguagem adquirida, plenamente aprendida e empregada apenas entre falantes de um mesmo grupo.

Em termos metodológicos, busca-se descrever e explicar o processo de variação/mudança, através do controle de fatores sociais (classe social, sexo, idade, escolaridade, etc.) e fatores linguísticos (variáveis internas da língua), identificando fatores que influenciam a escolha de uma ou outra variante, e mostrando que a regularidade da variação é sistemática e governada por um conjunto de regras, não categóricas, e sim variáveis.

A EVOLUÇÃO DO CONCEITO DE REGRA VARIÁVEL

Labov (1966) apresenta o conceito de regra variável, substituindo a noção estruturalista de variação livre, já que, segundo o autor, toda variação é condicionada. Uma regra variável deve apresentar frequência expressiva de uso e modelar-se à interferência de fatores linguísticos e extralinguísticos. Vale lembrar que as formas linguísticas alternantes são chamadas de *variantes*, e para um fenômeno ser considerado variável, há dois requisitos: manutenção do significado e possibilidade de ocorrência num mesmo contexto (Labov, 1978). Ou seja, trata-se de diversas maneiras de dizer a mesma coisa em um *mesmo contexto* e com o *mesmo valor de verdade*, ou com o *mesmo sentido referencial*.

Os primeiros trabalhos de Labov (1966; 1972) estão focados em análises no campo da fonologia, mostrando que as variáveis são motivadas por fatores sociais ou estilísticos. Os resultados desses estudos de Labov abriram portas para a investigação da variação em outros níveis linguísticos. Entretanto, as dificuldades de adaptação do modelo em campos diferentes do fonológico esbarram na discussão acerca da manutenção do mesmo significado das formas alternantes. Sobre essa questão é importante mencionar a discussão travada entre Labov (1978) e Lavandera (1978), a partir do trabalho de Weiner & Labov ([1977]1983) sobre as estruturas ativa e pas-

siva do inglês, uma variável de natureza sintática. Nesse trabalho, os autores tratam a construção ativa e passiva sem agente como variantes linguísticas, portanto, portadoras de mesmo significado representacional, considerando que diferenças de sentido observadas são matizes de foco ou ênfase que não afetam o significado referencial. Como resultado de seu estudo, apontam que as formas linguísticas passiva/ativa são semanticamente equivalentes e não condicionadas socialmente, mas sim por fatores internos, no caso, pelo que chama de “paralelismo estrutural”³³. Tais resultados implicaram na reformulação de pressupostos teóricos: o postulado de que a variação, que pode ser explicada em termos sociais, cede lugar a considerações de ordem interna relativas ao funcionamento da gramática.

Lavandera (1978), pondo em questão a adequação de se estender a noção de variável sociolinguística a outros níveis de análise além do fonológico, defende que toda construção sintática possui seu significado próprio e propõe um alargamento da condição de “mesmo significado” para condição de “comparabilidade funcional”. Sob tal proposta, considera alternantes sintáticas como variáveis sociolinguísticas, desde que elas veiculem alguma informação não-referencial (significado social e estilístico) e sejam similares às variáveis fonológicas, com covariação quantificacional e frequências significativas.

Em resposta a essa proposição de Lavandera, Labov (1978) enfatiza a noção de significado referencial, também chamado *significado representacional* ou *estado de coisas*, sob a consideração de que dois enunciados que se referem ao mesmo estado de coisas tem o mesmo valor de verdade. Além do significado representacional, o autor ainda propõe outras

³³ Segundo esse princípio, se o falante emprega logo de início da fala uma marca gramatical, ele tende a continuar empregando-a, e se a apaga, tende a repetir esse procedimento.

duas funções: a função de ‘identificação do falante’ e a função de ‘acomodação ao ouvinte’. Afirma, também, que o objetivo da teoria linguística é prever a distribuição provável na língua de informação nos níveis fonológico, prosódico, morfológico, sintático etc. A teoria, mais do que medir o peso dos fatores sociais, preocupa-se em obter um retrato da estrutura gramatical da língua, e a maneira como regras gramaticais cumprem funções de acomodação/identificação é um passo posterior na análise. Por fim, o autor acrescenta que há evidências de que a competência linguística inclui restrições quantitativas e que o reconhecimento de tais restrições permite-nos construir uma teoria gramatical. Assim, abre-se espaço para análises variacionistas nos diferentes níveis gramaticais, e para a possibilidade de se descrever e explicar um fenômeno variável com base em fatores condicionantes estruturais (linguísticos), além dos fatores sociais (nem sempre relevantes).

PRINCÍPIOS EMPÍRICOS DA MUDANÇA LINGUÍSTICA

Para captar o curso da mudança, segundo WLH (1968), é necessário, primeiramente, ver a língua como dotada de *heterogeneidade sistemática* (parte da competência linguística do falante). O segundo passo é descobrir o mecanismo da mudança, ou seja, quais fatores que a condicionam; para tal, os princípios empíricos, propostos por WLH (*op. cit.*), *transição*, *restrições*, *encaixamento*, *implementação* e *avaliação*, abaixo especificados (quadro 1), podem (ou devem?) nortear a investigação sociolinguística.

Quadro 1. Princípios empíricos propostos por Weinreich, Labov e Herzog (1968)

<p>Transição: Por <i>transição</i>, os autores entendem a mudança de um estado da língua a outro, e problematizam: se uma língua tem de ser estruturada para funcionar, como as pessoas continuam falando enquanto a língua muda? Ou seja, como uma mudança acontece? Chamam esse período de fase de menor sistematicidade.</p>
--

Nota-se, contudo, que um mesmo falante usa ora uma forma, ora outra, sem se ater ao fato de que a língua (aquela categoria) está mudando. Nesse estágio de transição, uma forma alternativa passa a ser utilizada em alguns contextos, até ser primordial em todos e tornar a outra obsoleta.

Restrições: Se descobirmos o que pode mudar ou o que está mudando (estado de transição), podemos delinear as condições de mudança (*restrições*), ou seja, possíveis condicionamentos e restrições linguísticas ou extralinguísticas, além de restrições gerais de processamento à mudança, as quais determinam as alterações possíveis e sua trajetória de mudança/variação – aquilo que determina possíveis mudanças ou que propicia condições para que a mudança ocorra.

Encaixamento: Sobre o *encaixamento* do fenômeno em mudança, é fundamental descobrir como formas alternantes se encaixam no sistema de relações linguísticas e extralinguísticas. Esse princípio aparece problematizado pelos autores por meio das seguintes questões: (i) que outras mudanças podem estar associadas com certa alteração de modo que o resultado não possa ser atribuído à coincidência? (ii) quais as possíveis relações em cadeia decorrentes do encaixamento da variável na estrutura linguística? (iii) como identificar grupos sociais aos quais as formas se vinculam (encaixamento da variável na estrutura social). Em suma: qual a importância da mudança em termos estruturais e em termos sociais e quais as correlações entre ambos?

Implementação: A *implementação* está atrelada às causas/motivações da mudança; sob esse viés, procura-se identificar em que parte da estrutura social e linguística a mudança se originou.

Avaliação: Sobre a *avaliação*, WLH (1968) defendem que estágios iniciais da mudança estão abaixo do nível de consciência social, e os falantes não os percebem. Como característica essencial da mudança linguística, o nível de consciência dos membros da comunidade de fala constitui fator a ser considerado na análise. Para Labov (1982), somente em estágios posteriores, os falantes apresentam desvios estilísticos, resultando na estratificação social. WLH (1968) traduzem o problema da avaliação nas seguintes questões: como os membros de uma comunidade de fala avaliam uma mudança particular? Avaliações negativas podem afetar o curso da mudança? Ela pode ser detida ou revertida como consequência do estigma social? Ainda sobre a avaliação da

mudança, são vários os meios de detectá-la em relação às formas variantes: (i) *indicadores* – traços linguísticos socialmente estratificados, mas não sujeitos à variação estilística, com pouca força avaliativa; (ii) *marcadores* – traços linguísticos social e estilisticamente estratificados, que produzem respostas regulares em testes de reação subjetiva; (iii) *estereótipos* – traços socialmente marcados de forma consciente (Labov 1972, p.314). Os dois primeiros são decorrentes de julgamentos sociais inconscientes, mas mesmo assim podem ser medidos através de várias técnicas.

OLHANDO O PASSADO E O PRESENTE DE UMA LÍNGUA

Como vimos, na Sociolinguística a língua deve ser entendida como um elemento social que reflete, condiciona e configura as diferenças representadas pelos grupos sociais. Quanto a isso, as variáveis linguísticas atuam como indicadores dos diferentes tipos de comportamentos sociais, e alguns desses associados à mudança/variação. Labov (1972, p. 271) aponta que as variações sociais e estilísticas desempenham um papel importante na mudança linguística e apresenta como definição de *social* “os traços linguísticos que caracterizam os distintos subgrupos de uma sociedade heterogênea” e como de ‘estilístico’, “as modificações mediante as quais um falante adapta sua linguagem ao contexto imediato do seu ato de fala”.

Se olhar o passado como fonte de indícios para explicações do presente, é possível olhar o presente para projetar o futuro, ou seja, verificar uma mudança em tempo aparente. Conforme Labov (1994), esse tipo de mudança refere-se à predominância de uma das variantes nos grupos mais jovens. Esse tipo de estudo, permite ao analista verificar os diversos padrões de comportamento linguístico, em diferentes grupos etários, num determinado espaço de tempo. É importante que se frise que a distribuição em tempo aparente corresponde à distribuição por faixas etárias, e não à *gradação etária* (comportamento linguístico na adolescência).

LIVRO DOS MINICURSOS

A utilização do presente para explicar o passado, denominado de princípio do *uniformitarismo*,³⁴ deriva de constantes da fisiologia e da psicologia humanas e das relações comuns às comunidades de fala e do seu encaixamento numa matriz espacial e temporal mais ampla. Os eventos linguísticos à nossa volta são do mesmo tipo do que se desenvolveram em épocas passadas. Embora os padrões gerais de mudança sejam os mesmos, há especificidades em cada época que não podem ser desprezadas, por exemplo, como as formas e regras são aplicadas (Labov, 2001, p. 35).

De acordo com Labov (1981), a análise da mudança em tempo aparente é apenas um prognóstico, uma projeção que o pesquisador se arrisca a fazer, portanto, constitui-se como uma hipótese. Identificada uma situação de mudança em progresso, deverá o pesquisador voltar no tempo (eixo do tempo real) para obter dados com os quais possa desvelar as características do processo histórico visualizado no corte sincrônico (Faraco, 1998, p. 117).

A mudança em *tempo real* relaciona-se ao aspecto diacrônico da língua. Segundo Tarallo (2001, p. 70) “uma vez atestada a mudança com base em dados do tempo aparente, deve-se proceder a um encaixamento histórico da variável no tempo real”. Para tal empreendimento, são apontadas algumas soluções. A primeira delas é investigar a mudança em textos escritos, em prosa, que se aproximem, em certa medida, do vernáculo (cartas pessoais, diários, peças teatrais), ou seja, complementar a pesquisa com um *corpus* diacrônico. Outras duas abordagens são sugeridas por Labov (1994, p. 75-77): *o estudo de tendência* e *o estudo de painel*.

³⁴ “Segundo esse princípio, as forças que atuam no momento sincrônico presente são (ou deveriam ser) as mesmas, que atuaram no passado, e vice-versa. Portanto uma teoria da mudança linguística deve guiar-se por uma articulação teórica e metodológica entre presente-passado e presente” (Tarallo, 2001).

Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos

No estudo de tendência retorna-se à comunidade analisada depois de um intervalo de tempo e repete-se a mesma investigação, procurando-se detectar possíveis padrões de mudança. Labov (1994, p. 76) chama a atenção que “para tal estudo produzir um retrato significativo do desenvolvimento linguístico, é essencial que a comunidade tenha permanecido num estado mais ou menos estável no período”.

Na segunda abordagem, estudo de painel, o pesquisador procura localizar os mesmos indivíduos que participaram do primeiro estudo, e controla todas as alterações no seu comportamento por meio da coleta de mesmo tipo de material.

A articulação entre presente e passado permite evidenciar estágios variáveis e mudanças que aconteceram (tempo real) e que estão em curso (tempo aparente). As observações em tempo aparente conectadas às observações em tempo real permitem que se verifique a mudança em progresso.

Além disso, convêm, contudo, deixar claro que nem toda variabilidade na estrutura linguística envolve mudança, mas toda mudança envolve, obrigatoriamente, variabilidade (Weinreich; Labov & Herzog, 1968).

REFERÊNCIAS

- BORTONI-RICARDO, S. M. *Nós chegemu na escola, e agora?* São Paulo: Parábola, 2005.
- CALVET, L. J. *Sociolinguística: uma introdução crítica*. Trad. Marcos Marcionilo. São Paulo: Parábola, 2002.
- CHAMBERS, J. K. *Sociolinguistic theory: linguistic variation an its social significance*. Oxford: Cambrid Blackwell, 1995.
- FARACO, C. A. *Linguística histórica*. São Paulo: Ática, 1998.

LIVRO DOS MINICURSOS

GONÇALVES, S.C.L. et al. *Introdução à gramaticalização: princípios teóricos e aplicação*. São Paulo: Parábola Editorial, 2007.

———; TENANI, L.E. Aspectos metodológicos na constituição de *corpora* de fala espontânea. *Estudos Linguísticos*, São Paulo, v.34, 2005, p. 462-487.

GÖRSKI, E. & COELHO, I. L. (orgs.) *Sociolinguística e ensino: contribuições para a formação do professor de língua*. Florianópolis: UFSC, 2006.

GRAGOATÁ (Línguas e variação linguística no Brasil), n. 9, 2000.

GUY, G. & ZILLES, A. *Sociolinguística quantitativa: instrumental de análise*. São Paulo: Parábola editorial, 2007.

HORA, D. (org.) *Estudos sociolinguísticos: perfil de uma comunidade*. João Pessoa: UFPB, 2004.

LABOV, W. Building on Empirical Foundations. In: LEHMANN, W. & MALKIEL, Y. (eds.) *Perspectives on Historical Linguistics*. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins Publishing Company, 1982.

———. *How I got into linguistics, and what I got out of it*. Disponível em <http://www.ling.upenn.edu/~wlabov/HowIgot.html>, 1999. Acesso em jan. 2009.

———. *Principles of linguistic change: internal factors*. Oxford: Blackwell, 1994.

———. *Principles of linguistic change: social factors*. Oxford: Blackwell, 2001.

———. Resolving the Neogrammarian controversy. *Language* 57, 1981. p. 30-87.

Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos

———. *Sociolinguistic Patterns*. Pennsylvania: University of Pennsylvania Press, 1972.

———. The reflection of social process in linguistic structures. In: FISHMAN, J. (ed.) *Readings in the Sociology of Language*. The Hague: Mouton, 1968. p. 240-51.

———. *The Social Stratification of English in New York City*. Washington, D.C.: Center for Applied Linguistics, 1966.

———. Where does the linguistic stop? A response to Beatriz Lavandera. In: *Working Papers Sociolinguistics*, n.º. 44, 1978.

LAVANDERA, B. R. Where does the sociolinguistic stop? In: *Language Society* 7. London, 1978. p. 171-182.

MOLLICA, M.C., BRAGA, M.L. (Orgs.) *Introdução à Sociolinguística: o tratamento da variação*. São Paulo: Contexto, 2003.

NARO, A. J. & BRAGA, M. L. A interface sociolinguística/gramaticalização. *Gragoatá*, n. 9, 2000, p. 125-135.

OLIVEIRA E SILVA, G.M., SCHERRE, M.M.P. (orgs.) *Padrões sociolinguísticos: análise de fenômenos variáveis do português falado na cidade do Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro*, 1996.

PAREDES DA SILVA, V. L. A abordagem laboviana. Mesa redonda: os estudos de variação no Brasil: situação atual. *Anais do VII Encontro Nacional da ANPOLL*. Goiânia, 1993.

RONCARATI, C., MOLLICA, M.C. *Variação e aquisição*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1997.

SCHERRE, M. M. P. *Doa-se lindos filhotes de poodles: variação linguística, mídia e preconceito*. São Paulo: Parábola, 2005.

TAGLIAMONTE, S. A. *Analyzing sociolinguistic variation*. Cambridge: University Cambridge Press, 2006.

LIVRO DOS MINICURSOS

TARALLO, F. *A pesquisa sociolinguística*. São Paulo: Ática, 2001.

VANDRESEN, P. (org.) *Variação e mudança no português falado na região sul*. Pelotas: Educat, 2002.

WEINER, J. & LABOV, W. Constraints on the agentless passive. **In.**: *Journal of Linguistics* 19, [1977], 1983.

WEINREICH, U.; LABOV, W.; HERZOG, M. Empirical foundations for a theory of language change. **In.**: W. LEHMANN & Y. M. (eds.). *Directions for Historical Linguistics*. Austin: University of Texas Press, 1968.

WIEDEMER, M. L. *A regência variável do verbo ir de movimento na fala de Santa Catarina*. Dissertação de Mestrado. UFSC, 2008.

———. As faces da comunidade de fala. *Revista Linguagens - Revista de Letras, Artes e Comunicação*. Blumenau, v. 2, n. 1, p. 21 - 35, jan./abr. 2008.